

CONFIANÇA E SEGURANÇA ONTOLÓGICA NA SOCIEDADE DE RISCO

DAMIÃO, *Abraão Pustrelo*¹

Resumo: Este trabalho consiste na reflexão, sobretudo, do conceito de segurança ontológica de Anthony Giddens. E os desafios para encontrar o conforto e o bem-estar em uma sociedade, considerada pelo autor, de risco. Trabalharemos alguns aspectos da conjuntura social que acreditamos ser fundamentais para o entendimento do conceito de segurança ontológica e de sociedade de risco, mostrando, a partir dessas idéias, algumas possibilidades para entender e pensar o mundo social a nossa volta.

Palavras-chave: Risco, Confiança, Sociedade, Anthony Giddens.

Introdução

Existem alguns aspectos de confiança e segurança observados no desenvolvimento da personalidade e da identidade dos indivíduos que parecem se aplicar a todas as culturas (GIDDENS, 1991). Essa segurança, *a segurança ontológica*, é uma forma, mas uma forma muito importante de sentimentos de segurança no sentido mais amplo do termo. É a crença que a maioria dos seres humanos tem na continuidade de sua auto-identidade e na constância dos ambientes de ação social e material em que vivem. Uma sensação de confiança inquestionável nas pessoas e coisas ao redor. Trata-se de um fenômeno emocional em vez de cognitivo, e está enraizado no inconsciente não em formas racionais de ação (FREUD, 1986).

Pense em uma pessoa que imagina que todos querem lhe fazer mal, que será contaminada por um vírus ou bactéria mortal, será vítima de um assaltante cruel, sua casa vai pegar fogo enquanto dorme, há uma ameaça nuclear que a impede de se mover. Embora possamos considerar essas ansiedades quando profundas e exageradas algo irracional, estes sentimentos são muito mais resultados – de acordo com a psicologia – da (in)segurança ontológica e devem ser encontrados em certas experiências da primeira infância (KEHL, 2009). Uma vez que, todas essas ameaças podem ocorrer, porém, é muito pouco provável que aconteçam. Nesse contexto, o medo surge como um aviso permanente de "pare, olhe e escute as coisas ao redor".

¹ Mestrando em Ciências Sociais pela Universidade Estadual Paulista (Unesp), campus de Marília. Contato dirceudamiao@hotmail.com.

Assim, uma pessoa que tenha interiorizado uma visão de mundo que inclua a insegurança e a vulnerabilidade recorrerá rotineiramente, mesmo na ausência de ameaça genuína, as reações adequadas a um encontro imediato com o perigo; o medo, derivado desta percepção de mundo, acaba por adquirir uma capacidade de autopropulsão. (BAUMAN, 2008).

O medo, segundo Zygmunt Bauman (2008) é o nome que atribuímos às nossas dúvidas, à nossa falta de compreensão da ameaça que nos atinge e do que deve ser feito em relação a ela, para fazê-la parar ou enfrentá-la. Os homens, ainda, conhecem algo mais, além disso: uma espécie de medo de "segundo grau". Um medo, por assim dizer, social e culturalmente (re)criados, um medo derivado das experiências e percepções do cotidiano que orienta o comportamento dos indivíduos, quer exista ou não uma ameaça imediatamente presente. O medo secundário pode ser visto como decorrência de uma experiência passada de ameaça direta que deixa resquícios, que sobrevive ao choque, e se torna um elemento relevante na modelagem da conduta humana, mesmo que não haja mais uma ameaça direta à vida e à integridade (FREUD, 1986). O medo secundário pode ser, como uma estrutura mental, caracterizado como um sentimento de vulnerabilidade ao perigo, uma sensação de suscetibilidade e insegurança.

Entretanto, numerosos estudos,² demonstram que na consciência dos amedrontados, o medo secundário é muitas vezes desacoplado dos perigos que realmente o causam. As pessoas inseguras e vulneráveis, afligidas pelo medo, geralmente dirigem suas ações defensivas ou até agressivas, destinadas a enfrentar o medo, para longe dos perigos realmente responsáveis pela suspeita de insegurança.

Não são mais apenas as ameaças naturais (tempestades, terremotos, doenças...) e místico-religiosas que nos assustam, mas, e, principalmente, artefatos feitos por seres humanos e seus impenetráveis subprodutos e efeitos colaterais que exsudam os mais terríveis de nossos medos.

Nossos ancestrais que tinham a esperança de que o desafio de acabar com as imprevisibilidades da vida fosse um inconveniente temporário, não se concretizou. Agora estamos, de maneira mais assustadora ainda, percebendo que nossas apostas foram frustradas, estamos perdendo nossas ilusões quanto a nossa capacidade de controlar o mundo. Tentamos exorcizar nossos medos e fracassamos, tendo apenas aumentado (por meio de avanços técnicos e de conhecimento) no curso da tentativa a soma total dos horrores que clamam por ser expurgados e confrontados. Agora, sem o otimismo de antes, temos medo de que as catástrofes que perturbavam nossos ancestrais não apenas tendam a se repetir, mas também sejam inescapáveis (BAUMAN, 2008).

Na tentativa de explicar esse mistério, Bauman (2008) sugere que nosso sentimento exasperado de insegurança, deriva não tanto da carência de proteção, mas

³Observar: Zygmunt Bauman, *Medo Líquido*; Yi-Fu Tuan, *Paisagens Do medo*; Anthony Giddens, *Mundo Em Descontrole*, Sergio Adorno e Cristiane Lamin, *Violencia, medo e Insegurança*. Entre outros.

sim de uma obsessão que temos com segurança. Bem como nossa intolerância a qualquer brecha no seu fornecimento, "que se torna a fonte mais prolífica, auto-renovável e provavelmente inexaurível de nossa ansiedade e de nosso medo".

A Segurança Ontológica.

Como, então, neste contexto, seria possível pensar a segurança ontológica apontada anteriormente?

A segurança ontológica, além de sua vinculação íntima com o inconsciente, também está conectada a um sentimento de continuidade das coisas e das pessoas. E é, precisamente, no âmbito do prosseguimento dos eventos e dos indivíduos a nossa volta que podemos intervir. Pois, a previsibilidade e a familiaridade das rotinas nos fornecem um instrumento poderoso para enfrentar o medo³. A criação de um hábito, por exemplo, acordar em um determinado horário e ir ao trabalho, faz com que o indivíduo vislumbre, antes de se deitar, uma rotina segura para o próximo dia, algo que ele já conhece, tem controle. Provavelmente, o trajeto que fará será o mesmo e as pessoas no trabalho também. Ou seja, ele se sentirá mais seguro e confiante. Ele vai criar uma consciência prática do que deve e do que não deve ser feito que é fundamental a sua segurança.

Giddens (1991) aponta quatro focos de confiança e segurança ontológica: (1) *as relações de parentescos*; (2) *a comunidade local*; (3) *as cosmologias religiosas e a* (4) *tradição*, que se alteram das sociedades pré-modernas para as sociedades modernas. O quadro abaixo, formulado pelo autor na obra *As Conseqüências da Modernidade* (1991), ilustra bem os ambientes de segurança nas sociedades pré-modernas e nas modernas.

Sociedades pré-modernas	Sociedades modernas
Contexto geral: importância excessiva na confiança localizada.	Contexto geral: relações de confiança em sistemas abstratos desencaixados ⁴ .

³ Para entender melhor esse aspecto ver Yi Fu Tuan, *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*.

⁴ "Por desencaixe me refiro ao deslocamento das relações sociais de contextos locais de interação e sua reestruturação através de extensões indefinidas de tempo-espço" (GIDDENS, 1991 p. 36). Para elucidar esse movimento de desencaixe, Giddens se vale de dois mecanismos que provocam o desencaixe: o primeiro deles são as *fichas simbólicas* e o segundo os *sistemas peritos*. O dinheiro, por exemplo, caracteriza bem a idéia de ficha simbólica, uma vez que o dinheiro é um meio de intercâmbio entre os indivíduos ou grupos, mas que não tem características específicas desses indivíduos ou grupos. Ele pode circular de um lugar a outro sem muitos empecilhos, além do mais, a sua função permanecerá praticamente a mesma em um lugar ou outro – servir como meio de troca. O dinheiro é um meio de distanciamento do tempo-espço, ele possibilita a realização de transações entre agentes amplamente separados no tempo e no espaço. Outro mecanismo que provoca desencaixe são os sistemas peritos. "Por sistemas peritos quero me referir a sistemas de excelência técnica ou competência profissional que organizam grandes áreas dos ambientes material e social em que vivemos hoje"(GIDDENS, 1991).

<p><i>AMBIENTE DE CONFLANÇA</i></p> <ol style="list-style-type: none"> 1- Relações de parentesco com um dispositivo de organização para estabilizar laços sociais através do tempo-espaço. 2- A comunidade local como um lugar, fornecendo um meio familiar. 3- Cosmologias religiosas como modos de crença e práticas rituais, fornecendo uma interpretação providencial da vida humana e da natureza. 4- Tradição como um meio de conectar presente e futuro; orientada para o passado em tempo reversível. 	<p><i>AMBIENTE DE CONFLANÇA</i></p> <ol style="list-style-type: none"> 1- Relações pessoais de amizade ou intimidade sexual como meio de estabilizar laços sociais. 2- Sistemas abstratos como meios de estabilizar relações através de extensões indefinidas de tempo e espaço. 3- Pensamento contrafactual orientado para o futuro como um modo de conectar passado e futuro.
<p><i>AMBIENTE DE RISCO</i></p> <ol style="list-style-type: none"> 1- Ameaças e perigos emanados da natureza, como a prevalência de doenças infecciosas, insegurança climática, inundações ou outros desastres naturais. 2- A ameaça de violência humana por parte de exércitos pilhadores, senhores da guerra locais, bandidos ou salteadores. 3- Risco de uma perda da graça religiosa ou de influencia mágica. 	<p><i>AMBIENTE DE RISCO</i></p> <ol style="list-style-type: none"> 1- Ameaças e perigos emanados da reflexividade da modernidade. 2- A ameaça de violência humana a partir da industrialização da guerra. 3- Ameaça de falta de sentido pessoal derivada da reflexividade da modernidade enquanto aplicada ao eu.

Ambientes de confiança e risco nas culturas pré-modernas e moderna. P. 104, 1991.

A história para Giddens (1991) é marcada por continuidades e descontinuidades. Os modos de vida produzidos pela modernidade nos desvencilharam de quase todos os tipos tradicionais de ordem social, de um modo sem precedente. Tanto em sua extensionalidade quanto em sua intencionalidade. As formas de interconexão social agora são outras e isso reflete transformações íntimas na nossa existência cotidiana.

As relações de parentescos que nas sociedades pré-modernas proporcionava um modo estável de organização das relações sociais, através do tempo e do espaço orientando os parentes a agir e se portar no lugar circundante, se alterou. O compromisso, dos parentes que antes cumpriam com uma gama de obrigações para com indivíduos que não precisavam, necessariamente, ter simpatia (pelos sobrinhos, primos, cunhados), está se afrouxando⁵. As relações de parentesco nas sociedades

⁵ Para entender melhor esse movimento de transformação da família ver Anthony Giddens, *Mundo em descontrolo*, p. 61-77.

modernas foram substituídas pelas de amizade íntima ou sexual (GIDDENS, 1992). Agora são mais estas do que aquelas que estabilizam as relações sociais, o que não significa que as relações de parentesco acabaram, mas, de certo modo, estão mais fracas.

O mesmo pode ser dito da comunidade, que antes era regida pelas relações localizadas, organizadas em termos de lugar, ainda não transformadas pelas relações tempo-espaço distanciado. E agora foi substituída pela crença nos sistemas abstratos como meios de estabilizar relações através de extensões indefinidas de tempo e espaço.

O advento da informática, (emancipação do fluxo de informação proveniente do transporte dos corpos), e dos meios de comunicação, muda o entendimento comunitário, pois, a fronteira entre o dentro e o fora não pode mais ser mantida. A separação do tempo e do espaço, e o conseqüente enfraquecimento da regulamentação normativa das agências políticas de um determinado lugar com vista no seu *modus operandi*, também, abriu as portas para infinitas possibilidades do capital globalizado. Sendo a desintegração social e a derrocada das agências efetivas de ação coletiva um efeito ulterior, engendrando o contexto da modernidade líquida de Zigmunt Bauman (2001). Nesse sentido a desintegração social do local é tanto uma condição quanto um resultado das novas técnicas de poder, que tem como suas principais ferramentas, o desengajamento e a evasão rápida dos que dão as ordens. Para que o poder possa fluir o mundo deve estar livre de crenças, barreiras, fronteiras fortificadas e barricadas. Os poderes globais se inclinam a destruir os laços sociais, principalmente aqueles vinculados fortemente a um lugar, em proveito de sua crescente fluidez, principal fonte de sua força e garantia de sua invencibilidade. A comunidade, tende a desaparecer, em nome de uma sociedade global. A mensagem do mundo global é clara: não importa onde estamos o que importa é que nós estamos lá. Ou seja, podemos estar em qualquer lugar, pertencer e influenciar qualquer comunidade (BAUMAN, 2003).

A cosmologia religiosa que proporcionava interpretações morais e práticas da vida social e pessoal, bem como do mundo natural, o que representava um lugar seguro para o crente, perdeu força com a secularização da vida (WEBER, 2003).

A maior parte das situações da vida social moderna é manifestamente incompatível com a religião como uma influência penetrante sobre a vida cotidiana. A cosmologia religiosa é suplantada pelo conhecimento reflexivamente organizado, governado pela organização empírica e pelo pensamento lógico, e focado sobre tecnologia material e códigos aplicados socialmente. (GIDDENS, op. cit. p. 111, 1991)

O quarto, e último, elemento de confiança apontado por Giddens: a tradição, está mudando num tempo mais curto do que o necessário para a consolidação, em hábitos e rotinas, das formas de agir. A organização das crenças e práticas a partir de uma orientação para o passado, como nas sociedades pré-tradicionais, foi suplantada por uma orientação para o futuro. Assim, a tradição que

contribuía para a segurança ontológica, na medida em que mantinha a confiança na continuidade do passado, presente e futuro, e vinculava a confiança a essas práticas sociais, está se modificando a todo o momento, ao não olhar mais para o passado para a construção do futuro, este ao contrário, acaba sendo tomado para orientar nossas ações.

A partir da transformação dos ambientes referentes à segurança ontológica e à confiança – as relações de parentescos; a comunidade local; as cosmologias religiosas e a tradição – nos colocamos em um novo ambiente de risco, onde as ameaças e perigos advindos da natureza (doenças, insegurança climática, desastres naturais) foram substituídos por perigos emanados da reflexividade da modernidade, do pensar e dominar a natureza.

A reflexividade da vida social “consiste no fato de que as práticas sociais são constantemente examinadas e reformadas à luz da informação renovada sobre essas próprias práticas, alterando, assim, constitutivamente seu caráter” (GIDDENS, 1991, p. 36). Ou seja, a condição que a modernidade nos impõe, com as transformações constantes dos meios técnicos e de informação, faz com que, nunca tenhamos certeza de que o nosso conhecimento não será alterado. Nesse sentido, se mostra falsa a idéia de que quanto maior nosso conhecimento sobre a vida social, maior o controle sobre nosso destino. Uma vez que o próprio conhecimento social está em posição de variar a qualquer instante.

A ameaça de violência humana direta como ataques de exércitos mercenários, bandidos malvados, de salteadores e de senhores de guerra locais, persistem agora de modo tênue. A ameaça de violência da integridade humana, atualmente, é fruto da industrialização da guerra e dos grandes armamentos bélicos – bombas nucleares, armas químicas – numa ordem militar global, resultado da industrialização da guerra e da capacidade de destruição dos armamentos ao redor do mundo.

Apesar de tudo, isso não significa que nossa época é mais perigosa ou mais arriscada que as precedentes, mas o equilíbrio entre riscos e perigos se alterou. Vivemos num mundo em que os perigos estão sendo criados por nós mesmos, e esses perigos, se tornaram mais ameaçadores do que aqueles que vêm de fora. Como o risco ecológico, a catástrofe nuclear ou a derrocada da economia global, outros riscos estão mais ligados a nossa segurança íntima, como os medicamentos que tomamos, as dietas que fazemos ou os relacionamentos que desfrutamos.

Sociedade de Risco

As transformações que passamos nos alçaram a um estágio que Anthony Giddens chama de *sociedade de risco*, pois o risco tornou-se um elemento fundamental para desvendar algumas das características mais importantes do mundo em que vivemos agora. Na medida em que,

As culturas tradicionais não tinham um conceito de risco porque não precisavam disso. Risco não é o mesmo que infortúnio ou perigo. Risco se refere a infortúnios ativamente avaliados em relação a possibilidades futuras. A palavra só passa a ser amplamente utilizada em sociedades orientadas para o futuro – que vêem o futuro como um território a ser conquistado ou colonizado. O conceito de risco pressupõe uma sociedade que tenta ativamente romper com o seu passado – de fato, a característica primordial da civilização industrial moderna. (GIDDENS, op. cit. p. 33, 2000).

E é nessa sociedade que estamos inseridos, onde estar vivo é por definição um negócio arriscado, uma vez que o futuro é um lugar desconhecido que precisa ser povoado e controlado. Assim, fazer o cálculo de risco se tornou inevitável para nos posicionarmos frente a cada relação diária que experimentamos, ou vamos experimentar. Esse cálculo é imprescindível em uma sociedade que se transforma rapidamente. "O risco é a dinâmica mobilizadora de uma sociedade propensa a mudança, que deseja determinar seu próprio futuro em vez de confiá-lo à religião, à tradição ou aos caprichos da natureza" (GIDDENS, 2000, p.34).

Essa transição das culturas tradicionais, moderadas, pelo que Giddens (2000) chama de *risco externo*, "o risco experimentado como vindo de fora, das fixidades da tradição ou da natureza", para as culturas modernas, pautadas, no *risco fabricado*, "O risco criado pelo próprio impacto de nosso crescente conhecimento sobre o mundo". Muda o foco do que atribuímos o caráter de perigoso ou arriscado.

Em toda cultura tradicional, poderíamos dizer, e na sociedade industrial até o início da presente época, os seres humanos se inquietaram com os riscos provenientes da natureza externa – de más colheitas, enchentes, pragas, ou fomes. A certa altura, porém – muito recentemente em termos históricos – passamos a nos inquietar menos com o que a natureza pode fazer conosco, e mais com o que fizemos com a natureza. Isso assinala a transição do predomínio do risco externo para o do risco fabricado. (GIDDENS, op. cit. p.38, 2000).

Como o autor nos coloca, essa transição marca o surgimento de um novo paradigma: nossa sociedade vive agora *após o fim da natureza*. Isso não significa que os aspectos físicos ou os processos naturais deixaram de existir. Significa que quase nenhum aspecto do meio natural que nos circunda deixou de ser afetado, de algum modo, pela ação humana. Esse processo de dominação da natureza, juntamente com o desenvolvimento capitalista empresarial, que leva, dentre outras coisas, à associação do Estado-Nação ao capital e a um processo cada vez maior de internacionalização das instituições e segmentos financeiros ao redor do mundo, altera o equilíbrio entre tradição (local, comunitária) e ordem social global. Marca o fim da sociedade tradicional.

Giddens nos alerta que nossa época irá engendrar novas revivescências religiosas e diferentes filosofias que, provavelmente, irão se voltar contra essa

perspectiva cientificista que vivemos. "Nossas relações com a ciência [...] não serão e não podem ser as mesmas que em tempos passados" (GIDDENS, 1996, p. 172). O que pode fazer com que adotemos uma atitude negativa em relação ao risco, especialmente, porque ainda não possuímos instituições para monitorar a mudança tecnológica, nacional e global a que estamos sujeitos. O que precisamos compreender é que:

O risco sempre precisa ser disciplinado, mas a busca ativa do risco é um elemento essencial de uma economia dinâmica e de uma sociedade inovadora. Viver numa época global significa enfrentar uma diversidade de situações de risco. Com muita frequência podemos precisar ser ousados, e não cautelosos, e apoiar a inovação científica ou outras formas de mudança. Afinal, uma raiz do termo risk no original português significa ousar. (GIDDENS, op. cit. p. 47, 2000)

Ousado é o adjetivo que melhor caracteriza a experiência moderna, mas o que Giddens está nos apontando é que embora a aposta na ciência possa ser positiva para melhorar nossa condição existencial, temos que compreender as conseqüências e caminhos que tais inovações vão nos colocar. Uma vez que, sem a análise científica nem saberíamos sobre os riscos que nos afligem. Como nos revela Weber (1994) a razão pode tomar varias formas, não podemos escapar do pensamento racional, mas podemos sim usá-lo de modo mais adequado a nossa existência.

Considerações Finais e Perspectivas

A nossa vida tem se mostrado diferente do estilo de vida que os sábios do Iluminismo e seus discípulos e herdeiros avistaram e procuraram planejar. Pois, quando as tradições perdem a força determinante do futuro e das novas gerações, quando a verdade não é mais vista como revelação divina e se multiplica em versões parciais e saberes especializados, e quando não há mais a representação da figura da autoridade, o indivíduo é chamado para se tornar o centro de suas próprias referências e assim encontrar seu lugar na ordem do universo. Mas esse movimento – de tomar as rédeas do mundo em suas mãos – teve um efeito não previsto pelos seres modernos: O individualismo.

O individualismo, tão diferente da individualidade (prevista e almejada pelos teóricos do Iluminismo), característico da era moderna, parece ser o maior desafio a segurança ontológica.

Para Bauman (2001), a sociedade moderna existe e se realiza em sua atividade constante de "individualização", assim como, dialeticamente, as atividades dos indivíduos consistem na reformulação e renegociação diárias das práticas sociais em relação à sociedade que estão inseridos. Por maior que seja nosso esforço para fazer escolhas individuais, exclusivas, íntimas, essas escolhas tem implicações e reflexos no meio social em que ocorrem. Em uma sociedade de liberdade individual de escolha,

a opção de escapar da individualização e de se recusar a participar do jogo da individualização é praticamente impensável.

O que faz com que a individualização alcance todos os aspectos da vida social, desde as escolhas políticas até o âmbito cultural e moral. Na dialética da individualização há uma liberdade sem precedentes de experimentar, mas ao mesmo tempo, o indivíduo tem que arcar sozinho com as conseqüências de suas escolhas. E, para balancear esse movimento de experimentação infinita e suas implicações, cabe ao indivíduo descobrir o que é capaz de fazer bem, melhorar ao máximo essa capacidade, e escolher os fins a que sua capacidade poderia lhe servir para sua maior satisfação. Direcionando, de certo modo, suas experiências.

Entretanto, direcionar as experiências sem base coletiva sólida de apoio, em caso de falha, pode ser tão perturbador quanto à falta de liberdade. O indivíduo moderno têm uma sensação de liberdade, mas reluta a entender que ela não pode se realizar sem a ajuda dos outros.

E isso tem implicações na formação de nossa identidade, pois, ter um número cada vez maior e diferente de experiências é o que satisfaz. Para o indivíduo moderno, experimentar as inúmeras possibilidades de vida que a modernidade oferece é o que conta. O indivíduo é orientado pela sedução e por desejos sempre crescentes e quereres voláteis (que variam de lugar para lugar). E como não há normas para transformar certos desejos em necessidades e para deslegitimar outros desejos como falsas necessidades, não há testes para que se possa medir um padrão de identidade fixa. O que vale é estar sempre pronto para se adequar a situações e lugares diferentes, e aproveitar as possibilidades quando elas se apresentarem, desenvolvendo novos desejos e feitos para os novos e inesperados lugares e padrões que venhamos a experimentar. A busca da identidade que era a busca incessante de deter ou tornar mais lento o fluxo, de solidificar o fluido, de dar forma ao disforme, não se aplica mais ao mundo atual (BAUMAN, 2001).

Em vista da volatilidade e instabilidade de quase ou quase todas as identidades... o grau de liberdade genuína ou supostamente genuína de selecionar a própria identidade e de mantê-la quando desejado, é que se torna o verdadeiro caminho para a realização das fantasias de identidade. Com essa capacidade somos livres para fazer e desfazer identidades à vontade. Ou assim parece. (BAUMAN, op. cit. p. 98, 2000).

E junto com esse processo de excesso de oportunidades, crescem as ameaças de desestruturação e fragmentação do eu. A tarefa de auto-identificação tem fortes efeitos colaterais, na medida em que uma tarefa que deveria ser compartilhada por todos, agora, esta sendo, realizada por cada um sob condições inteiramente diferentes. Induzindo à competição mais ríspida entre os indivíduos, em vez de unificar uma condição humana inclinada a gerar cooperação e solidariedade. A individualidade,

que a modernidade clássica propunha, para possibilitar ao indivíduo desenvolver suas potencialidades transformou-se em individualismo.

Combater esse individualismo é a tarefa que não podemos mais adiar se quisermos nos aproximar, minimamente, da segurança ontológica. Segurança pautada na previsibilidade, na familiaridade e no respeito com as pessoas e os eventos do nosso cotidiano.

Referências Bibliográficas:

ADORNO, Sérgio. LAMIN, Cristiane. **Medo, Violência e insegurança**. São Paulo: Contento, 2006.

BAUMAN, Zygmunt. **O Mal-Estar da pós-modernidade**. Trad. Luís Carlos Fridman. Rio de Janeiro: Zahar, 1997

_____. **Modernidade Líquida**. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: 1º ed. Zahar, 2001.

_____. **Comunidade: A busca por segurança no mundo atual**. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Zahar, 2003

_____. **Vida Líquida**. Trad Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2007

_____. **Medo Líquido**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro; Zahar, 2008.

BECK, Ulrich. GIDDENS, Anthony. LASH, Scott. **Modernização Reflexiva, Política, tradição e estética na ordem social moderna. A vida em uma sociedade pós- tradicional**. p. 73-173. Trad. Magda Lopes. São Paulo: 2º ed. Unesp, 1996.

FREUD, Sigmund. **O Mal-Estar na Civilização**. Trad. Jayme Salomão. P. 81- 171. Rio de Janeiro: Imago, 1986.

GIDDENS, Anthony. **The constitution of society: Outline of the theory of structuration**, s.l.:s.n. , 1984.

_____. **As conseqüências da modernidade**. São Paulo: Trad. Raul Fiker. 1º ed. Unesp, 1991.

_____. **A transformação da Intimidade. Sexualidade amor e erotismo nas sociedades modernas**. Trad. Magda Lopes. São Paulo: 1º ed. Unesp, 1992.

_____. **Mundo em descontrole. O que a globalização está fazendo de nós**. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. 6º ed. Record. 1999.

KHEL, Maria Rita. **Ensaio Sobre o Medo. Elogio ao Medo** s.l.: 2º ed. Sesi., 2007.

_____. **O tempo e o cão: A Atualidade das depressões**. São Paulo: Boitempo, 2009.

TUAN, Yi Fu. **Paisagens do medo**. Trad. Livia de Oliveira. São Paulo: Edunesp, 2005.

_____. **Topofilia**. Trad. Livia de Oliveira. s.l.: Ed Unesp, 1980a.

_____. **Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente**. Trad. Livia de Oliveira. São Paulo: DIFEL, 1980.

WEBER, Max. **Economia e sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva**. Tradução de Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa; revisão técnica de Gabriel Cohn, 3ª edição, Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília, 1994.

_____. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Martin Claret, 2003